

**EM TORNO DE UM ENIGMA BIBLIOGRÁFICO:
A EDIÇÃO PORTUGUESA DA NOVELA *HISTÓRIA
DOS TRABALHOS DA SEM VENTURA ISEA...* DE
ALONSO NÚÑEZ DE REINOSO¹**

**A BIBLIOGRAPHIC ENIGMA: THE PORTUGUESE
EDITION OF ALONSO NÚÑEZ DE REINOSO'S
NOVELLA *HISTÓRIA DOS TRABALHOS DA SEM
VENTURA ISEA...***

*Júlio Costa*²

*António M. L. Andrade*³

Resumo: Existe um único exemplar conhecido da versão portuguesa da novela quinhentista *História dos trabalhos da sem ventura Isea...* da autoria de Alonso Núñez de Reinoso. O livro, porém, não ostenta qualquer indicação expressa sobre o autor, tradutor, impressor/editor, local de impressão ou

¹ Este trabalho inscreve-se no âmbito do projeto com a referência UIDB/04188/2020, do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., e também no âmbito da Red de Excelencia *Europa Renascens*. Biblioteca Digital de Humanismo y Tradición Clásica (España y Portugal) FFI2017-90831-REDT, financiada pelo Governo de Espanha.

² CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto: jmrcosta@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-9037-3617>.

³ Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro: aandrade@ua.pt, <https://orcid.org/0000-0002-7456-6504>.

data, o que tem suscitado uma prolongada e acesa polémica, naquele que pode ser considerado um dos maiores mistérios da tipografia portuguesa do século XVI. Constitui-se como objetivo primordial do presente estudo proceder a um exame minucioso deste livro com o fito de auscultar o que nos pode dizer sobre si próprio. Acrescentam-se alguns contributos complementares relativamente à história bibliográfica da publicação e dos seus antigos possuidores e procede-se a um circunstanciado estudo tipobibliográfico, trazendo a lume novíssimos dados no que concerne a um plausível pé de imprensa deste cimélio.

Palavras-chave: Alonso Núñez de Reinoso; *História da sem ventura Isea...*; Tipografia portuguesa quinhentista; João Blávio

Abstract: There is only one extant copy of the Portuguese version of Alonso Núñez de Reinoso's 16th-century novella *História dos trabalhos da sem ventura Isea...* Notwithstanding, the book doesn't bear any specific indication as to the name of its author, translator, printer/editor or date and place of print, thereby stirring long and heated controversy and giving rise to one the most challenging mysteries surrounding Portuguese 16th century typography. In this article, we carry out a thorough examination of the book, seeking to discover what it can reveal us about itself. We will add some complementary contributions pertaining to the bibliographic history and previous owners of the publication, and, in addition, will carry out a detailed typobibliographic study, hoping to bring to light brand new data concerning the plausible imprint of this relic.

Keywords: Alonso Núñez de Reinoso; *História da sem ventura Isea...*; Portuguese 16th-century typography; João Blávio

“SEUL EXEMPLAIRE CONNU de cette précieuse nouvelle de chevalerie [...]. Quoiqu’il en soit, cet ouvrage n’en est pas moins un précieux bijou bibliographique et nous le regardons comme LA PERLE de notre collection [...]”

Catalogue de la bibliothèque de M. Fernando Palba...,
Lisbonne, Imprimerie Libanio da Silva, 1896, v. 2, pp. 134-135

Nota introdutória

Em 2017, Miguel Ángel Teijeiro Fuentes e Juan M. Carrasco González, reputados hispanistas e estudiosos da obra de Alonso Núñez de Reinoso, levaram a cabo, com sucesso, a laboriosa tarefa de editar e comentar a primeira edição moderna de um raríssimo texto quinhentista português quase votado ao esquecimento (o único exemplar conhecido conserva-se na Biblioteca da Universidade de Harvard, Houghton Library), relançando a discussão sobre o autor e a obra⁴. Referimo-nos, em concreto, à novela quinhentista atribuída ao converso Alonso Núñez de Reinoso intitulada *História dos trabalhos da sem ventura Isea natural da cidade de Epheso, e dos amores de Clareo e Florisea*, cujo rosto

⁴ Alonso NÚÑEZ DE REINOSO, *História dos trabalhos da sem-ventura Isea natural da cidade de Éfeso e dos amores de Clareo e Florisea*. Introdução: M. Á. Teijeiro Fuentes. Edição e notas: J. Carrasco González [prefácio de António Manuel Lopes Andrade]. Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, 2017. Sobre as vertentes que aqui nos ocupam, veja-se concretamente a rubrica “1. La trayectoria bibliográfica de esta novela”, pp. IX-XX.

não ostenta qualquer menção de autoria, data, impressor ou local de edição/impressão, naquele que tem constituído, desde sempre, um dos maiores mistérios da tipografia portuguesa. Muito se tem discutido, aliás, sobre a datação provável desta enigmática edição portuguesa e, sobretudo, se será anterior ou posterior à edição castelhana saída a lume em 1552 nos prelos venezianos dos irmãos Giolito⁵.

Na recente edição em língua portuguesa a que acima aludimos e que um dos autores do presente estudo teve o gosto de prefaciar⁶, M. Á. Teijeiro Fuentes apresenta uma pormenorizada sùmula sobre a história bibliográfica da publicação e dos seus antigos possuidores. Através de uma análise comparativa das semelhanças e diferenças existentes entre ambas as versões, conclui, de forma taxativa, que a edição castelhana é anterior à portuguesa. Mais recentemente, em 2018, J. M. Carrasco González regressou de algum modo ao tema⁷, enfatizando a forte influência que alguns poetas portugueses

⁵ Alonso NÚÑEZ DE REINOSO, *Historia de los amores de Clareo y Florisea, y de los trabajos de Ysea, con otras obras en verso, parte al estilo Español, y parte al Italiano, agora nueuamente sacada a luz*. Venecia, por Gabriel Giolito de Ferrari y sus hermanos, 1552. A novela em castelhano teve duas edições modernas, uma por Miguel Ángel TEIJEIRO FUENTES (ed.), *Los amores de Clareo y Florisea y los trabajos de la sin ventura Isea*. Cáceres, Universidad de Extremadura, 1991; e outra por José JIMÉNEZ RUIZ (ed.), *Historia de los amores de Clareo y Florisea y de los trabajos de Isea*. Málaga, Universidad de Málaga, 1997. Assinale-se, ainda, que a novela foi também vertida para francês, decorridos escassos dois anos sobre a edição veneziana dos irmãos Giolito, numa tradução de Jacques Vincent de Cres Arnault: Alonso NÚÑEZ DE REINOSO, *La plaisante histoire des amours de Florisée & Clareo, & de la peu fortunée Ysea. Traduiete nouvellement de Castillan en François par feu M. Iaques Vincent de Crest Arnault*. Paris, chez Iaques Keruer, 1554.

⁶ No prefácio desta edição, subordinado ao título “A quase desconhecida novela portuguesa de Alonso Núñez de Reinoso: em jeito de prefácio”, propugnávamos a necessidade de prosseguir dois caminhos distintos, mas interligados, no sentido de trazer nova luz à enigmática biobibliografia de Alonso Núñez de Reinoso. Não sendo este o momento azado para abordar, com a profundidade devida, a intrincada questão do percurso e da ação do autor da novela, que relegamos para uma outra oportunidade, concentramo-nos por ora na vertente da análise técnico-formal do livro português.

⁷ Juan M. CARRASCO GONZÁLEZ, “Núñez de Reinoso en portugués: traducción, adaptación y proyecto editorial”: *Criticón* 134 (2018), pp. 195-210.

(especialmente Bernardim Ribeiro) terão exercido sobre Alonso Núñez de Reinoso, aventando a hipótese de a versão portuguesa da novela ter sido impressa em Évora na oficina tipográfica de André de Burgos, de cujo prelo, aliás, saiu em 1557-58 a segunda edição da *História de Menina e Moça*, sob o título *Saudades*.

No seguimento desta antiga discussão sobre a datação e a caracterização da *História dos trabalhos da sem ventura Isea*, constitui-se como objetivo central do presente estudo proceder a um exame minucioso da versão portuguesa com o fito de auscultar o que o próprio livro nos pode dizer sobre si próprio. Deste modo, acrescentam-se alguns contributos complementares relativamente à história bibliográfica da publicação e dos seus antigos possuidores e procede-se a um circunstanciado estudo tipobibliográfico, trazendo a lume novíssimos dados no que concerne a um plausível pé de imprensa da versão em português da novela reinosiana.

1. História bibliográfica da publicação e seus antigos possuidores

A notícia mais antiga que conhecemos relativa à edição portuguesa da *História dos trabalhos da sem ventura Isea* remonta a 1789 e consta da primeira edição do *Diccionario da Lingua Portuguesa* de António de Moraes Silva⁸, nome pioneiro e tutelar na história da lexicografia portuguesa-brasileira. Aquando da sua estada na legação portuguesa em Londres, Moraes Silva acedeu decerto ao volume

⁸ António de Moraes SILVA (1755-1824) foi o autor do primeiro dicionário 'moderno' da língua portuguesa, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau / reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, 2 vols. A breve notícia bibliográfica sobre *História...de Isea* consta do vol. 1: A-K, p. XV desta edição primeira – <http://purl.pt/29264/3/1-2893-a/html/index.html#/18-19> – e será reproduzida sem alterações na sua redação pelo menos nas edições seguintes do dicionário: 1813, 1823, 1831, 1844 e 1858.

que, segundo o seu informe no dicionário acima referenciado, se conservava na biblioteca privada do diplomata Luís Pinto de Sousa Coutinho⁹, o primeiro possuidor desta obra que se conhece. Por morte do já então 1.º Visconde de Balsemão, a livraria (e o livro que aqui nos ocupa) foi herdada pelo seu primogénito¹⁰ que foi vítima direta do saque perpetrado na sua biblioteca aquando da ocupação franco-espanhola da cidade do Porto (dezembro de 1807) e do norte de Portugal na sequência da Guerra Peninsular. Tudo leva a crer, pois, que o livro terá sido ‘desencaminhado’ por esta altura¹¹ ou no decurso dos acontecimentos do Cerco do Porto (1832-1833), sendo certo que o volume não consta do inventário judicial da biblioteca arrestada ao 2.º Visconde de Balsemão, cujo termo de entrega, ao então primeiro bibliotecário da Real Biblioteca Pública da Cidade do Porto, data do primeiro dia de agosto de 1833.

Oculto durante algumas décadas, cremos ser este o mesmo exemplar que ‘reaparece’ novamente na cidade do Porto em 1873,

⁹ Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804) foi uma personalidade que alcançou considerável proeminência, não só em Portugal, na segunda metade do século XVIII e alvares da centúria seguinte, sendo inclusivamente nobilitado 1.º Visconde de Balsemão em 1801. Um breve itinerário biográfico sobre esta personagem, bem como uma caracterização da Livraria dos Viscondes de Balsemão, podem ser lidos em Júlio COSTA, “Alguns livros científicos (sécs. XVI e XVII) no ‘Inventário’ da Livraria dos Viscondes de Balsemão”: *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14.1 (2012), pp. 131-158.

¹⁰ Luís Máximo Alfredo Pinto de Sousa Coutinho (1774-1832), 2.º Visconde de Balsemão e lídimo representante das tradições intelectuais da família; foi autor de vários escritos e herdeiro da notável biblioteca de seu pai promovendo a atualização do acervo através de diversas aquisições de livros e chegando a franquear ao público a sua “grande e selecta livraria”.

¹¹ O testemunho coevo do geógrafo e estatístico Adriano BALBI (1782-1848) é bem elucidativo: “[...] la bibliothéque du vicomte de Balsemão, qui, avant le pillage qu’elle a souffert lors de la première invasion des Français, comptait 12000 volumes, et qui est réduite maintenant à 5000 [...]” – *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d’Algarve* [...]. Tome Second. Paris, Chez Rey et Gravier, 1822, p. 91. A par dos militares invasores, que quase sempre ficam com o ónus e os proveitos dos saques, a população e a vizinhança não raras vezes se aproveitam do caos e da confusão pilhando o que podem. Consideramos que esta hipótese explicativa do transvio do volume se afigura bastante plausível, sem rejeitar liminarmente a possibilidade de o livro poder ter sido efetivamente ‘desviado’ no Cerco do Porto.

tendo agora como proprietário o bibliófilo e livreiro Francisco António Fernandes¹² que o adquiriu, segundo Pinto de Matos¹³, por 50 libras ou, como também nos informa Tito de Noronha¹⁴, por 225\$000 réis. Infortunadamente, nenhum destes eruditos revela o nome do vendedor¹⁵. Poucos anos volvidos, por via do colecionismo e da bibliofilia, o livro entra na posse de Fernando Palha¹⁶, sendo descrito no vasto catálogo que este bibliófilo faz publicar em 1896¹⁷,

¹² Francisco António Fernandes (ant. 1820-1880). Homem de cultura e livreiro reconhecido na cidade do Porto, pelo menos, no terceiro quartel de Oitocentos. Dele disse Camilo CASTELO BRANCO, no seu livro *Narcóticos*. Porto, Livraria de Clavel, 1882, vol. 1, pp. 10-11: “[...] um ilustrado comerciante mal prosperado que talvez deveu a sua infelicidade mercantil ao affecto a livros, e expiou em relativa pobreza a consolação de os lêr e possuir. Este honesto cidadão formou duas livrarias. A primeira entregou-a aos credores quando falliu. (...) Grangeou nova livraria e, à volta dos setenta annos morreu [...]”. Juízo camiliano porventura algo excessivo, no que concerne à vertente financeira-patrimonial, porquanto a viúva do livreiro, dezoito anos após o falecimento deste, contemplou no seu generoso testamento várias instituições da Invicta, sendo uma benemérita da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

¹³ Ricardo Pinto de MATOS, *Manual bibliographico portuguez de livros raros, classicos e curiosos*. [...] Revisto e prefaciado pelo snr. Camillo Castello Banco. Porto, Livraria Portuense, 1878, pp. 357-358.

¹⁴ Tito de NORONHA, “A Isea”: *O Pantheon: revista quinzenal de ciencias e letras*, n.º 11 (1880), pp. [169]-171.

¹⁵ Muito provavelmente porque não o saberiam, até porque o vendedor certamente não estaria interessado em alardear a posse de um livro que lhe terá chegado às mãos de forma pouco curial; poucos anos mais tarde, saber-se-á apenas (através do catálogo Palha, 1896) que o vendedor foi um anónimo bracarense: “[...] un individu de Braga l’a vendu au bibliophile Francisco Antonio Fernandes, dont nous [i.e., Fernando Palha] avons acheté la bibliothéque après sa mort. [...]”.

¹⁶ Colada no verso da contracapa anterior ainda hoje se mantém a etiqueta topográfica “Livraria de Palha, n.º. meza, Est. gav. n.º 1”, menção de pertence a Fernando Pereira Palha Osório Cabral (1850-1897). Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, foi político, deputado, Par do Reino e primeiro presidente da Associação Promotora do Ensino para Cegos. Presidiu à Câmara de Lisboa entre 2 de janeiro de 1886 e 10 de março de 1890. Bibliófilo conceituado, tinha adquirido à filha e herdeira de Francisco António Fernandes a seleta livraria deste por 8.225\$000 réis com a qual, juntamente com outras aquisições diversas, constituiu uma notabilíssima biblioteca privada de impressos e manuscritos que, cerca de 30 anos depois do seu falecimento, os seus herdeiros viriam a transacionar para os EUA (cf. notas 15, 17, 18 e 19).

¹⁷ *Catalogue de la bibliothéque de M. Fernando Palha...* [compil. José António Moniz; ed. lit. Fernando Palha]. Lisbonne, Imprimerie Libanio da Silva, 1896, 4 vols. O livro que aqui nos ocupa encontra-se descrito no volume 2 (Deuxième partie, Belles-Lettres, Camoneana), pp. 134-135, entrada 1321, sendo aí qualificado e enfatizado como a pérola da coleção.

um ano antes de falecer. A notável biblioteca (e coleção de valiosos manuscritos) Palha acabaria, não obstante a preocupação e o interesse manifestado por D. Manuel II no exílio londrino¹⁸, por ser adquirida na sua totalidade por John B. Stetson Junior¹⁹ que, em 1928, dela fez doação à Houghton Library da Universidade de Harvard onde, atualmente, se conserva o único original conhecido²⁰.

¹⁸ “Cartas de El-Rei D. Manuel II ao Prof. Edgar Prestage”: *O Instituto*, vol. 116 (1954), pp. 112-213; vejam-se concretamente as cartas datadas de 12 e 19 de novembro de 1926 e 6 de janeiro de 1927 nas quais se alude à Biblioteca Palha e à possibilidade, nunca concretizada, da sua aquisição por parte do último monarca português à época exilado em Londres.

¹⁹ John Batterson Stetson, Jr. (1884-1952), militar, diplomata, empresário, historiador, curador de literatura portuguesa em Harvard, filantropo e bibliófilo. Filho do magnata americano J. B. Stetson (1830-1906), criador dos famosos chapéus de *cowboy* e da companhia comercial com o mesmo nome, e de Sarah Elisabeth Stetson (1858-1929). Sobre a empresa e família Stetson, veja-se, por exemplo, Susan M. RYAN, “John B. Stetson: a hatter legacy”. Paper prepared for the Academic Affairs Committee, Stetson University Board of Trustees, 2016. Disponível em linha (consultado em 8 de outubro 2019): URL – <https://www2.stetson.edu/library/green/wp-content/uploads/2016/03/John-B.-Stetson-History.pdf>. Após a morte do seu pai biológico, Stetson Jr. viria a ter como padrasto, mercê do casamento de sua mãe em segundas núpcias, Aleixo Queirós Ribeiro de Sotomaior de Almeida e Vasconcelos (1868-1917), escultor, cônsul de Portugal em Chicago e nobilitado Conde de Santa Eulália em 1908. Esta filiação lusa de pendor afetivo, certamente marcante, e o intuito de honrar a memória do seu padrasto, explicam o artístico ex-líbris heráldico aposto nos livros da Coleção Fernando Palha (*Finding Aid* disponível em: <http://nrs.harvard.edu/urn-3:FHCL.Hough:h01324>) que, entretanto, havia sido adquirida pela Condessa de Santa Eulália e seu filho Stetson Jr. (aluno da classe de 1906 da Universidade de Harvard e aí graduado no ano seguinte) e doada por este último, em dezembro de 1928, à Houghton Library, University of Harvard.

²⁰ Aqui chegados, convirá esclarecer dúvidas e confusões por vezes existentes relativamente ao número de exemplares da edição portuguesa da novela de Núñez de Reinoso. Estamos convictos de que existe um único original conhecido, conservado, presentemente, à guarda da Biblioteca da Universidade de Harvard, Houghton Library (<http://id.lib.harvard.edu/alma/990049699920203941/catalog>). O exemplar existente em Chicago (<http://pi.lib.uchicago.edu/1001/cat/bib/3777188>) mais não é do que uma cópia xerográfica do século XX efetuada a partir do original de Harvard, como suspeitávamos (os mesmíssimos termos sublinhados ao longo do texto, presentes no original antes de 1896, confirmam isso mesmo) e como, aliás, tivemos ensejo de esclarecer junto da Biblioteca da Universidade de Chicago. Por seu turno, a Biblioteca Nacional de Portugal possui uma cópia micrográfica (<http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&uri=full=3100024~!259802~!0>) efetuada a partir do mesmo original de Harvard. Existe ainda, na Biblioteca Nacional do Brasil, uma cópia manuscrita (http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=21434) que revela ser um traslado (século XVIII ou XIX) da edição quinhentista.

Registe-se que, até ao momento, o mais completo registo catalográfico do volume que encerra a novela de Núñez de Reinoso é da lavra de José António Moniz²¹, competente compilador do *Catalogue de la bibliothèque de M. Fernando Palha...*, que seguramente teve o livro em mãos, conforme se infere da leitura da correspondente descrição (em francês)²², elaborada com profissionalismo e saber, que acompanhamos de perto no cotejo que efetuamos com o original, aquando da nossa visita à Houghton Library da Universidade de Harvard²³.

Como é consabido, a obra não tem autoria expressa, conquanto não restem dúvidas de que a novela aí narrada é da autoria de Alonso Núñez de Reinoso. E se os dados biográficos sobre o autor são escassos e pouco seguros, nada foi possível apurar até ao presente sobre a identidade do anónimo tradutor-adaptador para língua portuguesa²⁴ ou da personagem – doutor Jerónimo Pires – a quem é dedicada a obra na epístola constante no final do volume, elementos que poderiam auxiliar a deslindar o enigma bibliográfico, tanto mais que o impresso não ostenta, como foi notado, lugar de impressão, nome do impressor ou ano de edição. À falta de dados tanto sobre o autor da novela como, mais ainda, sobre o tradutor e o dedicatário da versão portuguesa, a análise técnico-formal deste cimélio assume, neste contexto assaz particular, uma importância

²¹ José António Moniz (1849-1917) exerceu o cargo de bibliotecário na Biblioteca Nacional de Portugal, tendo ingressado ao serviço desta instituição em 1887; foram de sua autoria importantes instrumentos de identificação e pesquisa relativos a diversas coleções de manuscritos e impressos.

²² Cf. nota 17 supra.

²³ Um dos autores do presente texto, em março de 2011, teve o ensejo de consultar e analisar *in manu* o original, bem como de obter reproduções selecionadas da obra.

²⁴ Partindo do pressuposto, defendido por alguns estudiosos e que subscrevemos (ancorados em razões que abaixo explicitaremos), de que esta edição em língua portuguesa é uma posterior adaptação e tradução livre da edição de 1552 em língua castelhana. Sobre as analogias e dissemelhanças entre estas edições, veja-se a “Introdução” de M. Á. Teijeiro Fuentes à novela de Alonso NÚÑEZ DE REINOSO, *História dos trabalhos da sem-ventura Isea...*, op. cit., pp. LXXV-XCIII.

acrescida pelas informações únicas que nos pode facultar sobre o próprio livro e as circunstâncias da sua publicação.

2. Principais características formais do livro

2.1 Estrutura, encadernação e marcas (posse e topográficas)

O volume, de formato *octavo*, apresenta as dimensões externas aproximadas de 160 x 120 mm. A estrutura física do livro é bastante regular estando este organizado em cadernos costurados entre si conformando as usuais oito folhas – dezasseis páginas (sistema de dobragem do fólio três vezes originando o formato in-8º). Assinaturas dos cadernos: A-R⁸⁽⁺¹⁾S³ (fólio R⁷/135 em duplicado com os consequentes erros tipográficos de assinatura e de foliação). Infortunadamente, não vislumbramos qualquer marca de água no papel (processo de fabrico artesanal) dos fólios que constituem este livro.

A encadernação (fig. 1) inteira de *chagrin* vermelho mimetiza o conhecido padrão “à la Du Seuil”²⁵. Nas pastas (anterior e posterior), gravadas com ferros dourados, uma primeira cercadura externa próxima ao contorno da capa é formada por um filete largo composto com motivos geométricos e vegetalistas; uma outra cercadura, colocada no interior desta, compõe-se de dois ou três filetes mais finos; complementando a ornamentação, foram colocados no exterior dos quatro ângulos desta segunda cercadura pequenos florões e, no centro do retângulo, uma vinheta losangular também decorada

²⁵ Sobre este encadernador francês de Setecentos e o tipo de encadernação que ficou conhecida pelo seu nome, veja-se: Matt T. ROBERTS, Margaret R. BROWN, Don ETHERINGTON, *Bookbinding and the conservation of books: a dictionary of descriptive terminology*. Washington, Library of Congress, 1982, p. 250; e, também, o blogue “Le Blog du Bibliophile, des Bibliophiles, de la Bibliophilie et des Livres Anciens” – URL: <https://bibliophilie.blogspot.com/2007/12/les-reliures-ii-la-reliure-la-du-seuil.html>.

com motivos vegetalistas. Esta decoração confere à encadernação beleza e elegância. Lombada gravada a ferros dourados e espaços entrenervos ornados com vinhetas de motivos florais. A encadernação (que nos parece ser mais característica do séc. XVIII do que da centúria anterior) apresenta-se em razoável estado de conservação.



Fig. 1 – Aspectos da encadernação – lombada e pasta superior – de *História dos trabalhos da sem ventura Isea...* 27277.38.50*, Houghton Library, Harvard University.

Colada no verso da capa anterior, a etiqueta topográfica “Livraria || de Palha || n.º meza || Est. gav. n.º 1” (encimada pelo número manuscrito 1321 que remete para a entrada respetiva no Catálogo Palha, 1896, pp. 134-135), simultaneamente menção de pertence ao antigo possuidor Fernando Palha. Na frente da primeira folha de guarda, foi colado um pequeno papel desdobrável reproduzindo a ficha catalográfica originalmente datilografada em 18 de março de 1929; uma anotação manuscrita a tinta refere que a Biblioteca da Universidade de Estocolmo possui uma cópia, o

que se não confirma²⁶; no verso dessa mesma folha de guarda, cota (27277.38.50* [Houghton Library]) escrita a lápis e carimbo de posse com a seguinte inscrição: “Harvard College Library | From the Library of | Fernando Palha | December 3, 1928”. No final do volume, colado no verso da contracapa posterior, ex-líbris heráldico da doação de John B. Stetson, Jr., em memória ao seu padrao, à Biblioteca da Universidade de Harvard²⁷.

2.2 Portada arquitetónica

Stanley Morison afirmou, numa frase já canónica, que “[...] the history of printing is in large measure the history of the title page [...]”²⁸. Na folha de rosto, sobretudo a partir da segunda metade do século XVI, os impressores adotam e incorporam elementos típicos da construção arquitetural (colunas, pilastras, arquivoltas, entablamentos, arcos, socos, etc.), frequentemente decorados com motivos fitomórficos e/ou antropomórficos, num género a que se convencionou denominar portada arquitetónica.

No frontispício do livro que aqui nos ocupa foi impressa, empregando a técnica da xilogravura²⁹, uma portada (fig. 2) de

²⁶ Contactamos a Biblioteca que nos referiu que nos seus catálogos (e fundos bibliográficos) não figura qualquer menção relativa ao original ou, mesmo, a alguma eventual cópia reprográfica (como a existente na Biblioteca da Universidade de Chicago).

²⁷ Acerca deste artístico ex-líbris, veja-se Houghton Modern/Harvard College Framed Bookplates: <https://www.flickr.com/photos/houghtonmodern/8671539499/in/album-72157633300870751/>

²⁸ Stanley MORISON, *First principles of typography*. 2nd edition. Cambridge, University Press, 1967, p. II.

²⁹ São conhecidas as técnicas de produção das matrizes das estampas xilográficas e os processos de cópia; uma boa sùmula sobre este assunto poderá ser lida em António-José de ALMEIDA, *Imagens de Papel: «O Flos sanctorum em linguagem português» de 1513 e o de Fr. Diogo do Rosário OP. A problemática da sua ilustração xilográfica*. Porto, [s.n.], 2005. Importará, desde já, precisar terminologicamente que por xilogravura entendemos as estampas resultantes da impressão de matrizes, usualmente entalhadas em blocos de madeira, deixando em relevo os desenhos

inspiração renascentista e de proporções sóbrias; onde não está presente a majestuosidade, mas sim algum equilíbrio e harmonia; aparentemente unitária ou inteiriça, a composição é efetivamente formada – como adiante explicitaremos – por quatro tarjas representando elementos arquitetónicos independentes: arquitrave ou lintel, duas colunas e base ou pedestal.

Na parte superior da portada repousa, sobre os capitéis das colunas, à guisa de arquitrave (fig. 3), um supedâneo constituído por dois plintos (representação em profundidade e decoração com motivo vegetalista simples) unidos por uma pequena cartela em branco. Sustentando este lintel pouco convencional, duas colunas coríntias, adossadas a paredes, com corpo vertical de secção circular, caneluras nos fustes e encimadas por capitéis decorados com motivos fitomórficos e antropomórficos (figs. 4 e 5). A base ou pedestal (fig. 6) é composta por dois plintos altos, também representados em perspetiva e decorados com motivo vegetal simples, associados a um clípeo no centro do bloco retangular.

Esta portada arquitetónica enquadra no seu espaço central o título *Historia dos trabalhos da sem ventura Isea natural da Cidade de Epheso, & dos Amores de Clareo & Florisea*. O início deste título é precedido de uma pequena e simples vinheta ornamental de cunho vegetalista (folha de videira ou de hera representada horizontalmente e orientada para a esquerda)³⁰, uma variante da conhecida *feuille aldine* (☛). No centro do pedestal e no interior do medalhão deparamo-nos, tipografada em caracteres romanos redondos, com a menção “Com Realpreuilegio”, antecedida do símbolo tipográfico (¶) de marca de parágrafo.

gravados que serão tintados para reprodução/impressão. Podem ocorrer várias cópias dos blocos, mas cada matriz é única, o que pode justificar ligeiras diferenças de pormenor nas gravuras.

³⁰ Registe-se que este símbolo tipográfico se repete no f. 3, antecedendo o título do primeiro capítulo.

Nas folhas de rosto quinhentistas, estes (e outros) pequenos símbolos tipográficos, impressos em caracteres móveis, são recursos amplamente utilizados pelos impressores, não unicamente como meros sinais de pontuação ou acessórios que organizam o texto, mas também como elementos decorativos. Além dos símbolos tipográficos e elementos xilográficos acima referidos (incluindo as quatro iniciais que abaixo mencionaremos), este impresso não apresenta quaisquer outros ornamentos.



Fig. 2 – Portada de *História dos trabalhos da sem ventura Isea...* 27277.38.50*, Houghton Library, Harvard University.

Um exame atento desta portada arquitetónica revela-nos quatro blocos xilográficos individuais de formato paralelepípedo que foram estampados na folha de rosto, sendo possível descortinar os respetivos pontos de junção; a especificação destes componentes (figs. 3, 4, 5 e 6), aumentados em relação à escala, mas indicando as suas dimensões reais, permite perceber o trabalho de composição que foi elaborado, evidenciar os elementos independentes passíveis de utilização isolada

e/ou distintas configurações ao longo do tempo e confrontar analogias com portadas de outras obras, como adiante se verá.

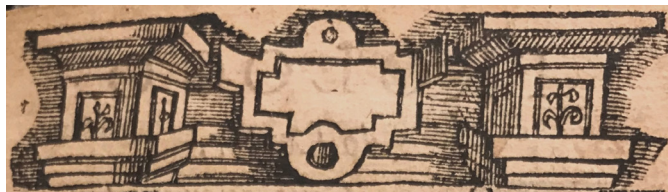


Fig. 3 – Arquitrave (dimensões reais: 65x18 mm).



Fig. 4 – Coluna A (dimensões reais: 54x18 mm).



Fig. 5 – Coluna B (dimensões reais: 54x19 mm)



Fig. 6 – Pedestal (dimensões reais: 66x29 mm).

2.3 Carateres tipográficos e capitulares xilográficas

2.3.1 Tipos

No que concerne aos tipos móveis de metal, i.e., as letras correntes que compõem o texto impresso, patenteiam-se, intercaladas, duas tipologias de carateres tipográficos: o gótico e o romano, este último nas variantes redondo e itálico. Verifica-se alguma diversidade nos alfabetos utilizados. O gótico, de caixa baixa, e o redondo e o itálico, de várias sortes e tamanhos. O título enquadrado na portada arquitetural é predominantemente composto em carateres itálicos (contudo, a primeira palavra foi tipografada em carateres redondos, assim como a menção “Com Realpreuilegio”). No verso da folha de rosto principia o prólogo, também em carateres itálicos semelhantes aos do título da portada, cujo texto termina (f. [2v.]) em forma de *cul-de-lampe* (fig. 7). A mancha principal do texto da novela (começa no f. 3 e acaba na nona linha do f. [137]) foi composta em carateres góticos, 25 linhas por página, e apresenta-se quase sempre justificada. Os excertos de poesia intercalados na novela são todos compostos em itálico, assim como o pequeno soneto que termina no verso desse mesmo fólio 137, onde também tem início a epístola dirigida ao doutor Jerónimo Pires, tipografada em carateres góticos. A generalidade das capitais simples ao longo do texto, a menção ou enumeração dos capítulos na cabeça de folha e a primeira linha de cada capítulo ou rubrica, foram compostos em carateres redondos (ex. fig. 8). No que respeita ao tipo mais utilizado, o gótico, verifica-se que o texto principal foi impresso num corpo 16, considerando que 20 linhas de texto impresso correspondem a cerca de 120 mm³¹.

³¹ Nesta época não existia ainda uma escala definida ou sistematizada para o corpo da letra, o que só ocorrerá com Didot no último quartel de Setecentos; a

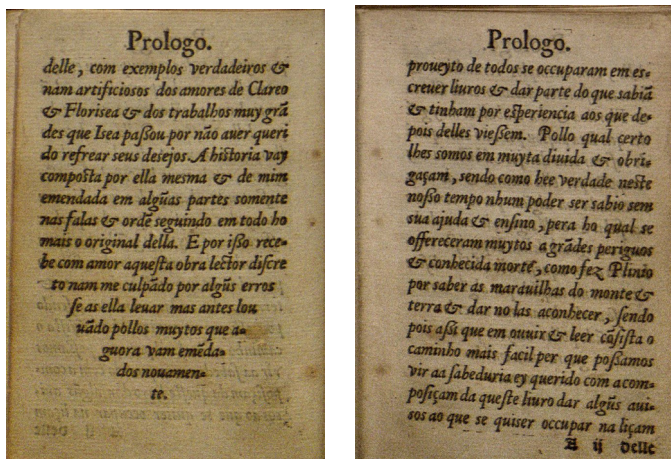


Fig. 7 – Excerto do prólogo (fls. 2-2v.) composto em caracteres itálicos; a menção na cabeça das folhas é em caracteres redondos. 27277.38.50*, Houghton Library, Harvard University.

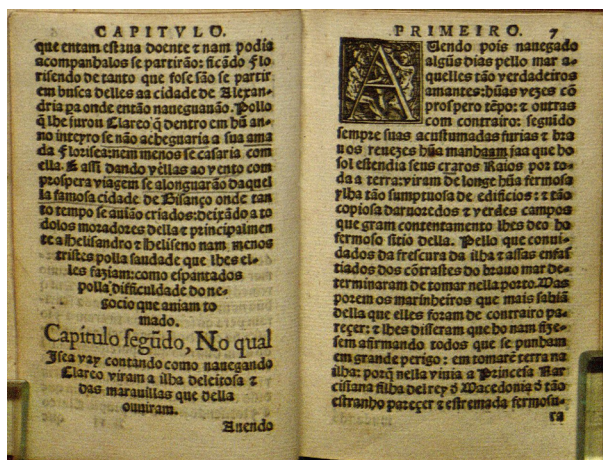


Fig. 8 – Trecho (fls. 6v.-7) da mancha principal composto em caracteres góticos; na cabeça das folhas, linha de texto com indicação de capítulo primeiro em caracteres maiúsculos redondos, bem como a primeira linha do capítulo segundo, composta em maiúsculas e minúsculas, intercalada no texto; capitular xilográfica A. 27277.38.50*, Houghton Library, Harvard University.

medida da letra, para os séculos XV a XVIII, costuma obter-se através da medição de um conjunto de 10 ou 20 linhas (João José Alves DIAS, *Iniciação à Bibliofilia*. Lisboa, Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas, 1994, pp. 21-23).

2.3.2 Iniciais xilográficas

Em todo o impresso vislumbram-se, somente no decurso dos dez fólios iniciais, quatro capitulares ou iniciais xilográficas correspondentes a letras romanas maiúsculas decoradas com motivos antropomórficos em fundo³²: A (f. 7), C (início do prólogo [f. 1v.]) e S; por razões distintivas e operativas, numeramos as duas diferentes letras S existentes como S₁ (f. 3) e S₂ (f. 8v.).

Não logramos estabelecer qualquer correlação substantiva entre os motivos alegóricos representados por estas capitulares e o conteúdo do texto da novela. Individualizamos e reproduzimos abaixo, aumentadas em relação à escala, estas capitulares xilográficas, indicando, todavia, as suas dimensões reais.



Fig. 9 – Inicial xilográfica A (motivo bíblico da tentação de Adão e Eva); dimensões reais: 23x23 mm



Fig. 10 – Inicial xilográfica C (representação do matrimónio); dimensões reais: 26x26 mm.

³² Iniciais ou capitulares historiadas que, frequentemente, representavam temáticas usuais no quotidiano renascentista, abarcando um amplo leque de inspirações e motivos: bíblicos, Cristo, a Virgem e santos, *ars moriendi*, a peste, o conhecido alfabeto da dança macabra de Holbein e suas cópias/adaptações, camponeses, cenas de batalha ou de entradas triunfais, festividades diversas, etc.

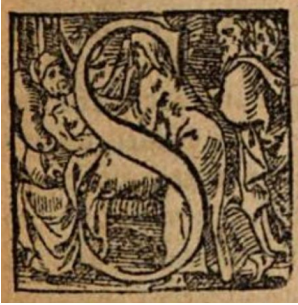


Fig. 11 – Inicial xilográfica S₁
(doença, *ars moriendi*);
dimensões reais: 26x26 mm.



Fig. 12 – Inicial xilográfica S₂
(cenário de peste, morte e destruição);
dimensões reais: 23x23 mm.

Após pesquisa bastante extensiva, foi possível comprovar a inequívoca origem germânica – Mogúncia e Colónia – destas capitulares xilográficas historiadas (cf. tabela 1 abaixo). As iniciais A (Fig. 9) e S₂ (Fig. 12) foram originalmente criadas na oficina tipográfica de Franz Behem em Mogúncia, existindo evidências da sua utilização em várias obras aí impressas, pelo menos, no período compreendido entre 1549 e 1557. Já as iniciais C (Fig. 10) e S₁ (Fig. 11) foram empregadas em diversas obras dadas à estampa em Colónia, a partir do segundo lustro da década de 50, nas oficinas dos herdeiros de Quentel e Gerwin Calenius³³.

³³ Sobre Franz Behem, com oficina tipográfica ativa em Mogúncia entre 1540 e 1582 e que também colaborou profissionalmente com as oficinas dos herdeiros de Johann Quentel e Gerwin Calenius em Colónia (prelos ativos entre 1557-1597), veja-se *Deutsche Biographie* [em linha]: <https://www.deutsche-biographie.de/sfz7318.html#indexcontent>; acerca da dinastia Quentel de impressores e de Calenius (que havia casado em 1557 com a viúva de Johann Quentel), remete-se para Wolfgang SCHMITZ, *Die Überlieferung deutscher Texte im Kölner Buchdruck des 15. und 16. Jahrhunderts*. Köln, [s.n.], 1990, pp. 434-458.

Impressos e respetivos impressores	Iniciais xilogravadas			
	A	C	S ₁	S ₂
Constitutiones Concilii Provincialis Moguntini, sub Reuerendiss. in Christo Patre & Ampliss. Principe & Domino, Dn. Sebastiano Archiepiscopo Moguntino... [Moguntiae: apud D. Victorem, admodum diligenter excudebat Franciscus Behem typographus. 1549].				F. 228v.
In Ecclesiasten Salomonis annotationes, piae et eruditae: ex uariis cum ueterum Orthodoxorum, tum recentiorum scriptis congestae, ac olim etiam pro concione enarratae, anno M.D.XXXIII. Moguntiae. Moguntiae: apud D. Victorem, excudebat Franciscus Behem , 1550.				Fls.: 38v., 117
Ionas Propheta, per Quadragesimam, pie et catholice, in summa aede Moguntina, pro concione, una cum Euangeliorum eiusdem temporis... Moguntiae: apud D. Victorem, excudebat Franciscus Behem , 1550.	F. 63			F. 10v.
Examen ordinandorum, ad quaestiones sacrorum ordinum, candidatis in Dioecesi Mogütinensi proponi consuetae... Moguntiae: Apud S. Victorem, prope Moguntiam: excudebat Franciscus Behem , 1550.	[F. 104]			
Psalmus tricesimus primus doctissime explicatus, in quo aptissima breuitate ostenditur, quam necessaria sit peccatorum confessio, qu[a]e delictorum ueniam impetrat. Moguntiae: excudebat Franciscus Behem , 1554.	Fls.: 77v., 84v.			F. 9
In Ecclesiasten Salomonis annotationes, piae et eruditae ex uariis cum ueterum Orthodoxorum, tum recentiorum scriptis congestae, ac olim etiam pro concione enarratae, anno M.D.XXXIII. Moguntiae: apud Franciscus Behem , 1556.				Fls.: 42v., 129v.
Confessio catholicae fidei christiana: vel potius explicatio quaedam confessionis a patribus factae in Synodo provinciali... [Moguntiae: excudebat Franciscus Behem]; Ioanne Patruo bibliopola Posnaniensi imprimi procurante, 1557.	Fls.: 10v., 57, 261v., 268			Fls. 7v., 7 [i.e., 8], 15, 301

Impressos e respetivos impressores	Iniciais xilogravadas			
	A	C	S ₁	S ₂
D. Henrici Susonis, viri sanctitate, eruditione et miraculis clari Opera (quæ quidem haberi potuerunt) omnia... translata per F. Laurentium Surium Carthusianum... Coloniae: ex officina hæredu[m] Ioannis Quentel , 1555.			F. 297	
Vera ac sincera vitae christianae norma seu regula, omnibus Christo militantibus... interprete vero F. Laurentio Surio... Coloniae: apud haeredes Ioannis Quentel, & Geruinum Calenium , 1559.		F. 1		
Aduersariorum ex Pandectis Iustiniani imperatoris, liber prior, ad quinque & viginti antecedentes libros. Authore Petro Costalio... Coloniae: apud haeredes Iohannis Quentel & Geruinum Calenium , 1560.			F. [2]	
Orationes clarorum hominum vel honoris officii causa ad principes, vel in funere de virtutibus eorum habitae... Coloniae: apud haeredes Iohannis Quentel & Geruinum Calenium , 1560.			F. [2, epístola nuncupatória]	
Institutiones Imperiales. Cum nouis & breuibus adnotationibus, ex D. Ioachimi Hopperi Frisij prælectionibus obseruatis. Coloniae: apud haeredes Iohannis Quentel & Geruinum Calenium , 1560.			F. 92	
Commentarius brevis rerum in orbe gestarum, ab anno Salutis millesimum quingentesimum, usque ad annum LXVI. ex optimis quibusque scriptoribus congestus per F. Laurentium Surium Chartusianum. Coloniae: apud haeredes Iohannis Quentel & Geruinum Calenium , 1566.		F. [2, epístola nuncupatória]		
Sanctae Hildegardis...Epistolarum liber: continens varias epistolas summorum Pontificum, Imperatorum, Patriarcharum... Coloniae: apud haeredes Iohannis Quentel & Geruinum Calenium , 1566.		Fls. 24, 44, 82, 207	Fls. 34, 85	
Selecti tractatus iuris varii, vere aurei, de successione tam a testato quam ab intestato... Coloniae: apud Geruinum Calenium, & haeredes Iohannis Quentelij , 1569.			Fl. [4, Admonitio ad lectorem]	

Tab. 1 – Ocorrência de iniciais (A, C, S₁ e S₂) em algumas obras impressas na Alemanha em meados do século XVI.

3. Analogias

Perscrutamos centenas de impressos de tipografia quinhentista portuguesa e respetivos/principais impressores ativos em Portugal (cf. tabela 2 abaixo) neste período em busca de material tipográfico idêntico ao do livro aqui em análise, tendo igualmente consultado a bibliografia de referência neste âmbito. Por razões metodológicas, dividimos a análise em dois eixos temporais correspondentes basicamente a cada uma das metades da centúria de Quinhentos.

A análise dos impressos na primeira metade do século XVI incluiu também, ainda que parcialmente, o universo dos incunábulos e post-incunábulos portugueses³⁴ e privilegiou com algum detalhe a produção tipográfica na década de 40 e primeiro lustro da década de 50, testando a hipótese de a edição portuguesa poder ser, como defendem alguns autores, anterior à edição de Veneza, em língua castelhana, de 1552. Não descortinamos, nas dezenas de obras examinadas neste âmbito temporal, quaisquer elementos considerados pertinentes³⁵.

³⁴ Sobre as primícias da arte tipográfica portuguesa destacamos o notável trabalho de H. M. JÜSTEN, *Incunábulos e post-incunábulos portugueses (ca. 1488-1518): (em redor do material tipográfico dos impressos portugueses)*. Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2009.

³⁵ A título de exemplo, refiram-se particularmente as obras impressas neste período na oficina lisboeta de Germão Galharde e de sua viúva, na tipografia dos Cônegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, no prelo lisboeta do impressor humanista Luís Rodrigues e na oficina tipográfica da Universidade de Coimbra na época em que João Álvares e João da Barreira aí imprimiram sobretudo em parceria (1542-1553). Na rica utensilagem tipográfica utilizada nestas emblemáticas oficinas neste período temporal não vislumbramos quaisquer elementos similares aos da portada xilográfica, ou mesmo capitulares, da obra que nos ocupa.

1500	1510	1520	1530	1540	1550	1560	1570	1580	1590
Valentim Fernandes (fl. 1450-1519; Lisboa)									
João Pedro de Cremona (fl. 1501-1514; Lisboa)									
Jacobo Cromberger (fl. 1503-1529; Évora e Lisboa)									
Germão Galharde (fl. 1509?-1561; Coimbra e Lisboa)									
Hermão de Campos (fl. 1509-1518; Lisboa)									
Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, Cónegos de Santa Cruz (fl. 1530-1577; Coimbra)									
João Álvares (fl. 1536-1587?; Braga, Coimbra e Lisboa)									
Luís Rodrigues (fl. 1539-1549; Lisboa)									
João de Barreira (fl. 1542-1590; Braga, Coimbra e Lisboa)									
Francisco Correia (fl. 1549-1581; Porto, Coimbra, Lisboa e Almeirim)									
André de Burgos (fl. 1552-1579; Évora)									
João Blávio (fl. 1554-1563; Lisboa)									
António de Mariz (fl. 1556-1599; Braga, Coimbra e Leiria)									
Manuel João (fl. 1565-1578; Viseu e Lisboa)									
Marcos Borges (fl. 1565-1587; Lisboa)									
António Gonçalves (fl. 1566-1576; Lisboa)									
António Ribeiro (fl. 1574-1601; Lisboa, Almeirim e Vila Verde dos Francos)									
António de Barreira (fl. 1579-1597; Coimbra e Lisboa)									
Manuel de Lira (fl. 1579-1609; Lisboa e Évora)									
António Álvares (fl. 1583-1620; Lisboa)									
Baltasar Ribeiro (fl. 1590-1591; Lisboa)									

Tab. 2 – Principais impressores ativos em Portugal no século XVI
(adaptado de GONÇALVES, 2012, p. 85)

O panorama modificou-se na segunda metade do século XVI. Neste período, deparamo-nos com alguns impressos que apresentam, nas portadas e/ou no interior dos livros, elementos xilográficos ou tipográficos comuns. Vejamos os casos mais emblemáticos que vislumbramos entre as dezenas de espécimes analisadas, muitas delas *in manu*.

3.1 Portadas e páginas de título

As ocorrências cronologicamente mais antigas que vislumbramos dos blocos xilográficos acima mencionados estão associadas a três obras impressas por João Blávio (ativo entre 1554-1563) na segunda metade de Quinhentos, concretamente em 1557, 1560 e 1562; na primeira (fig. 13) é usada a tarja do pedestal, na segunda (fig. 14) as colunas e a arquitrave integram uma portada composta por diversas tarjas e na terceira (fig. 15) a xilogravura da arquitrave é empregada verticalmente no lado direito da folha de rosto em disposição gráfica, mais em jeito de moldura, pouco ortodoxa³⁶.

³⁶ Uma circunstanciada análise sobre a ilustração e composição das portadas utilizadas por este impressor de origem germânica poderá ser lida em Maria Valentina C. A. Sul MENDES, “Frontispícios ilustrados na tipografia portuguesa da segunda metade de Quinhentos: a herança de João Blávio de Colónia”: *Revista Portuguesa de História do Livro* 28 (2011), pp. 387-424.



Fig. 13 – Portada de *Libellus de tactus instrumento in quo multa aduersus philosophos et medicos disseru[n]tur...* [Lisboa]: apud Ioãne[m] Blaiuiu[m], 1557. BPE / RDUE – https://dspace.uevora.pt/ri/bitstream/123456789/357/1/Reservado_0223.pdf



Fig. 14 – Portada de *Cõstituições sinodaes do Bispado Dangra*. Lixboa: per João Blavio de Colonia, 1560. BNP / BND – <http://purl.pt/15145>



Fig. 15 – Moldura de *Epistola Hieronymi Osorij ad serenissimam Elisabetam Angliae reginam*. Olyssippone: apud Ioannem Blaiuium, 1562. BNP / BND – <http://purl.pt/17317>

Francisco Correia (ativo entre 1549-1581) reutiliza material tipográfico de João Blávio³⁷, como, aliás, é bem patente nas tarjas que estampa nas folhas de rosto de quatro obras impressas no seu prelo lisboeta (figs. 16, 17, 18 e 19). Uma das portadas (fig. 16) emprega dois blocos xilográficos utilizados apenas dois anos antes por Blávio (fig. 15) e outra (fig. 17) mimetiza, exata e integralmente, a composição gráfica experimentada onze anos antes também pelo impressor de origem germânica (fig. 13). A ornamentar a folha de rosto de um livro editado no ano de 1569 (fig. 18), sem indicação expressa do impressor, embora o nome de Francisco Correia nos pareça incontornável pela análise das características formais do impresso, encontramos o já conhecido pedestal, encimado por um cabecel, bem como, ao alto, a tarja da arquitrave. Registe-se que, numa destas portadas (fig. 19), são usados três blocos xilográficos (figs. 4, 5 e 6) também empregados na portada da edição portuguesa da novela de Núñez de Reinoso.

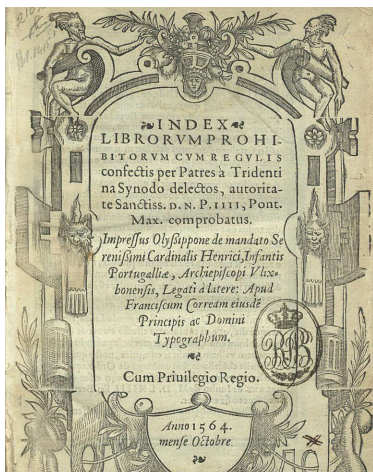


Fig. 16 – Portada de *Index Librorum Prohibitorum...* Olyssippon: apud Franciscum Corream, mense Octobre 1564. BNP / BND – <http://purl.pt/23330>



Fig. 17 – Portada de *Mystica theologia na qual se mostra o verdadeiro caminho...* Lixboa: e[m] casa de Francisco Correa, 1568. BNP/BND – <http://purl.pt/16321>

³⁷ É sabido que, após a morte de João Blávio, a utensilagem tipográfica deste foi trespassada a Francisco Correia que terá sido “obreyro” do impressor germânico e que, logo em 1564, começou a utilizá-la na sua oficina lisboeta (ver fig. 16), o que se não verifica nas obras que anteriormente, nos anos de 1549 e 1550, havia imprimido em Coimbra.

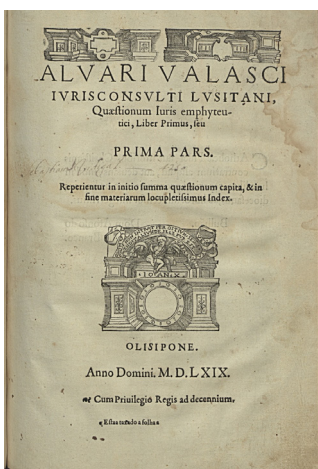


Fig. 18 – Folha de rosto de *Alvari Valasci... Quaestionum iuris emphyteutici...* Olisipone: [s.n.], 1569. ULFL-Livro Antigo, RES 252



Fig. 19 – Portada de *Leys e prouisoos que elRey dom Sebastião...* Em Lixboa: per Fráncisco Correa, 1570 BNP / BND – <http://purl.pt/23032>

Verificamos que uma obra de João de Barreira (ativo entre 1542-1590), impressa em 1570 (fig. 20), aproveita igualmente três blocos xilográficos (figs. 3, 4 e 6) empregados na portada do livro de Núñez de Reinoso. Cremos ser um caso singular porquanto não vislumbramos mais nenhuma destas tarjas em qualquer outra obra, impressa em Lisboa ou em Coimbra, por João de Barreira ou por João Álvares (ativo entre 1536-1586), com quem frequentemente imprimiu em parceria³⁸; dupla que, aliás, reutilizou sobretudo grande parte do espólio tipográfico que havia sido do impressor Luís Rodrigues.

³⁸ É sabido que João de Barreira e João Álvares imprimiram juntos em Coimbra de 1542 a 1553, tendo também ambos trabalhado de *motu* próprio na cidade banhada pelo Mondego e em Lisboa. Sobre estes dois impressores e utensilagem tipográfica utilizada, veja-se Celeste M. L. S. O. PEDRO, *Sixteenth-Century Print Culture in the Kingdom of Portugal: a study on typographical specimens used in the printing houses of João de Barreira and João Álvares*, Porto, [s.n.], 2018. Veja-se, também, Fernando Taveira da FONSECA et al. (coord.), *Imprensa da Universidade de Coimbra: uma história dentro da história*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2001, p. 21.

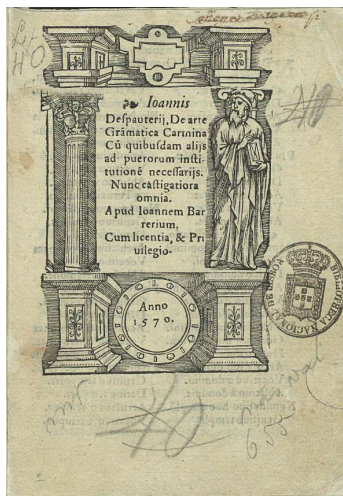


Fig. 20 – Portada de *Ioannis Despauterij De arte gram[m]aticam carmina cu[m] quibusdam alijs ad puerorum institutione[m] necessarijs....* [S. l.]: apud Ioannem Barrerium, 1570.
BNP / BND – <http://purl.pt/23122>

Manuel de Lira (ativo entre 1579-1609) utilizará igualmente tarjas da arquitrave e das colunas nas portadas de duas obras que deu ao prelo em Lisboa nos anos de 1582 e 1587 (figs. 21 e 22), sendo que, nesta última e adicionalmente, a xilogravura de uma das colunas (fig. 4) ocorre isoladamente no f. 101 e a xilogravura da arquitrave (fig. 3) é empregada como tarja decorativa no interior de várias páginas do volume. Tarja esta que este laborioso impressor utilizará, também com esta finalidade de mero ornamento, no interior de algumas outras obras que dará ao prelo em finais do século XVI e, mesmo, nos inícios da centúria seguinte³⁹.

³⁹ Vejam-se, por exemplo, os seguintes identificadores persistentes de registo: <http://purl.pt/23118> e <http://purl.pt/24623>



Fig. 21 – Portada de *La orden que se tuuo en la solène procession que hizieron los deuotos cofrades del Sãctissimo Sacramêto de la iglesia de S. Iulian en la ciudad de Lisboa...* En Lisboa: en casa de Manuel de Lyra, 1582.
BNP / BND – <http://purl.pt/23346>

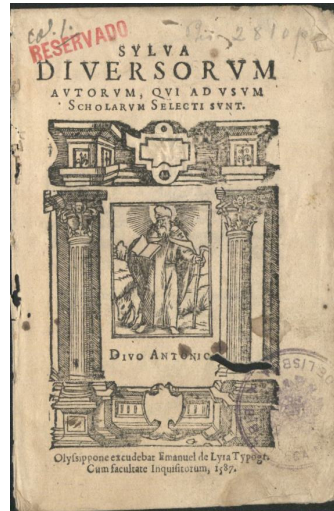


Fig. 22 – Portada de *Sylva diuersorum autorum qui ad usum scholarum selecti sunt; Liber secundus diuersorum poetarum carmina ad usum scholarum selecta.* Olyssippone: excudebat Emanuel de Lyra, 1587.
BNP / BND – <http://purl.pt/23353>

António Ribeiro (ativo entre 1574-1601), que também imprimiu em parceria com Francisco Correia e Manuel de Lira, utilizou o soco como simples ornamento, à guisa de vinheta, na página de rosto de, pelo menos, duas obras que imprimiu em Lisboa em 1585 e em 1588 (figs. 23 e 24). De igual modo, no que concerne a uma única obra impressa por Baltasar Ribeiro (ativo entre 1590-1591) em 1591 (fig. 25); neste caso, com o pormenor de a tarja ter sido estampada de forma invertida.

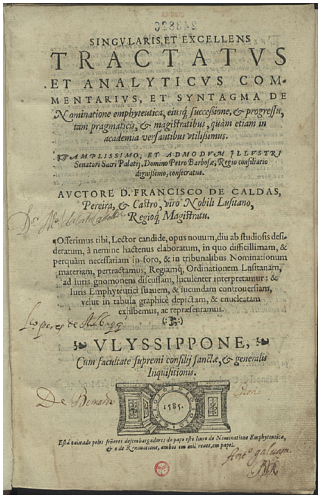


Fig. 23 – Página de título de *Singularis et excellens tractatus et analyticus commentarius et syntagma de nominatione emphyteutica...* Olyssipone: excudebat Antonius Riberius, mense Iunij 1585.
BNP / BND – <http://purl.pt/15286>

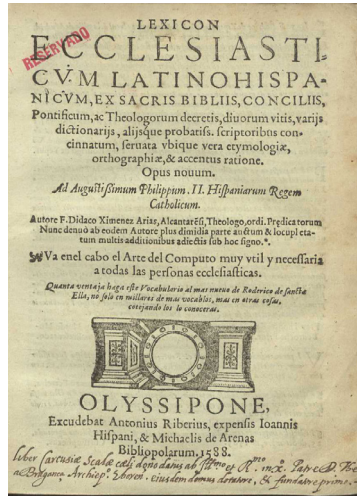


Fig. 24 – Página de título de *Lexicon ecclesiasticum latinohispanicum, ex sacris bibliis, conciliis, pontificum ac theologorum decretis...* Olyssipone: excudebat Antonius Riberius..., 1588.
BNP / BND – <http://purl.pt/23175>

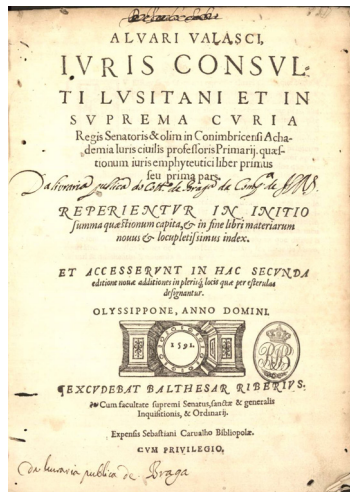


Fig. 25 – Página de título de *Aluari Valasci iuris consulti Lusitani... Quaestionum iuris emphyteutici...* Olyssipone: excudebat Balthesar Riberius..., 1591. BNP / BND – <http://purl.pt/15200>

Verifica-se, assim, que nas portadas com mais analogias, comparativamente à portada do impresso português de Núñez de Reinoso, figuram pelo menos três blocos xilográficos em comum com aquela: referimo-nos às obras impressas por João Blávio (fig. 14), Francisco Correia (fig. 19), João de Barreira (fig. 20) e Manuel de Lira (figs. 21 e 22).

3.2 Tipos e Iniciais

Os tipos utilizados na edição que aqui nos ocupa – gótico e romano – são comuns nas obras impressas no século XVI, pelo que, da sua análise, não logramos obter dados inteiramente concludentes. Apesar de os caracteres romanos se encontrarem em Portugal desde a década de 30 de Quinhentos, não foi antes da década de 60 que estes se impuseram e generalizaram, nas suas duas variantes (o redondo e o itálico), no contexto tipográfico. Por seu turno, a letra gótica, imperando na primeira metade do século XVI, irá ainda ser utilizada por alguns impressores na segunda metade desta centúria. Acresce que a utilização e combinação de alfabetos diferentes e, sobretudo, de várias tipologias de caracteres – gótico, romano e itálico – com medidas diversas, para títulos, cabeçalhos e corpo do texto, é usual nos tipógrafos quinhentistas, nomeadamente nos prelos lusos. Não obstante, enfatizamos aqui duas obras de João Blávio cujos tipos utilizados (figs. 26 e 27) são muito similares aos empregados no livro de Núñez de Reinoso (cf. com as figs. 7 e 8).

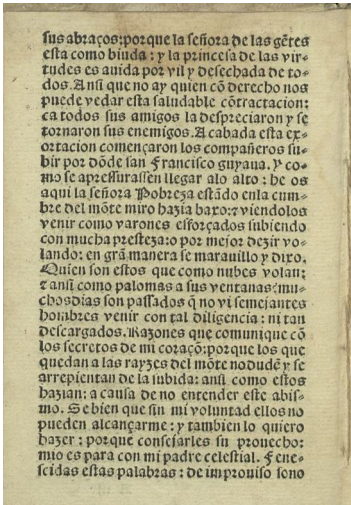


Fig. 26 – Tipos góticos utilizados no *Tractado de como san Francisco busco y hallo a su muy q̄uejrida señora la sancta Pobreza...* En Lixbona: en casa de Ioannes Blauio de Colonia, 1555. BNP / BND – <http://purl.pt/23309>

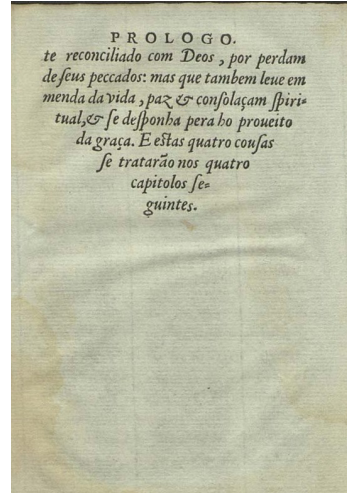


Fig. 27 – Tipos itálicos utilizados no prólogo do *Directorio de confessores e penitentes...* Em Lixboa: em casa de Ioannes Blauio de Colonia: vendense em casa de Saluador Martel; liureiro na rua noua 1556. BNP / BND – <http://purl.pt/14263>

Na página de título de uma outra obra dada à estampa no mesmo prelo de Blávio, desta feita em 1557 (fig. 28), estão patentes símbolos tipográficos como a *feuille aldine* (☛) e a marca de parágrafo (§) que antecede a menção “oCn [sic] priuilegio Real por diez años”. Também nestas vertentes, símbolos tipográficos e referência ao privilégio régio⁴⁰, são evidentes as semelhanças (cf. com a fig. 2).

⁴⁰ Registe-se que a menção “Com Real privilegio”, ainda que tipografada em caracteres góticos, é usada por Blávio em seis leis avulsas (D. Sebastião) que imprimiu, em forma de alvará, em 1557.

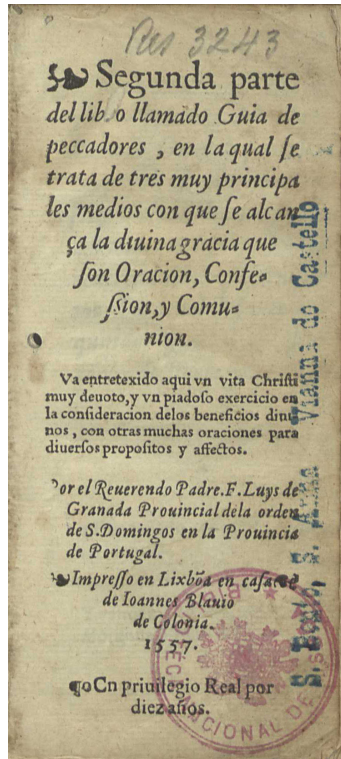


Fig. 28 – Página de título de *Segunda parte del libro llamado Guia de peccadores...* En Lixbõa: en casa de Ioannes Blauio de Colonia 1557. BNP / BND – <http://purl.pt/23220>

No que concerne às quatro iniciais xilográficas decoradas com motivos antropomórficos (cf. figs. 9, 10, 11 e 12), não restam dúvidas que utilizaram esta tipologia de capitulares, senão as mesmas, vários impressores entre os quais: João Blávio, que foi o primeiro a empregá-las em Portugal, Francisco Correia, João de Endem⁴¹,

⁴¹ Deste impressor apenas são conhecidas menos de um punhado de obras impressas na Índia, com destaque para os célebres *Colóquios* de Garcia de Orta, no qual utiliza os mesmos tipos de capitulares C e S₁ primeiramente empregadas por João Blávio, que, aliás, foi proprietário do prelo em Goa, onde trabalharam João de Endem e João Quinquênio de Campânia. Sobre estes impressores e a extensão da atividade editorial de Blávio no Oriente, veja-se Teresa Nobre de CARVALHO, *O mundo natural asiático aos olhos do Ocidente: contribuição dos textos ibéricos quincentistas para a construção de uma nova consciência europeia sobre a Ásia*. Lisboa, [s.n.], 2012, pp.

Manuel de Lira e António Ribeiro (este último tão-só na obra impressa em Almeirim em parceria com Francisco Correia). Não vislumbramos o uso destas capitulares em nenhuma obra dada ao prelo por João de Barreira nas suas oficinas tipográficas de Lisboa e Coimbra ou na oficina tipográfica eborense de André de Burgos. Vejamos (tabela 3) alguns exemplos, alicerçados numa amostragem extensiva, mas não exaustiva, de ocorrências destas iniciais.

Impressos e respetivos impressores	Iniciais xilogravadas			
	A	C	S ₁	S ₂
Directorio de confessores e penitentes... Em Lixboa: em casa de Ioannes Blauio de Colonia: vendense em casa de Salvador Martel, liureiro na rua noua 1556.	F. [Ao leitor]			F. 28
Segunda parte del libro llamado Guia de peccadores... En Lixbõa: em casa de Ioannes Blauio de Colonia 1557.	Fls. 129, 142v., 156v. e 197v.	F. 190v.		
Compendio de doctrina christãa recopilado de diuersos autores que desta materia escreuerão, pelo R.P.F. Luys de Granada... Em Lixboa: em casa de Ioannes Blauio de Agripina Colonia, 25 Dabril [sic] 1559. [Contem "Seguemse treze sermões das tres paschoas do anno...", com. rosto próprio (data de "20 Mayo 1559"), foliação e assinaturas independentes].		F.26v.		

103-105. Cerca de quatro anos volvidos sobre o falecimento de Blávio, Endem dá à estampa em Goa, em 8 de abril de 1568, uma obra que utiliza a inicial C igual à utilizada por Francisco Correia (que, entretanto, tinha tomado de trespasse o negócio aos herdeiros de Blávio) numa obra impressa em Lisboa precisamente em 26 de abril desse mesmo ano. Estes dados confirmam que os jogos de capitulares xilográficas não eram necessariamente únicos podendo existir em duplicado nos plantéis tipográficos.

Impressos e respetivos impressores	Iniciais xilogravadas			
	A	C	S ₁	S ₂
Côstituições sinodae do Bispado Dangra. Lixboa: per João Blavio de Colonia, 11 Ianeyro 1560.		Fls. 4, 24, 52, 56, 58, 77 e 84	Fls. 1, 9, 12, 35, 59[sic] e 85v.	Fls. 33 e 59v.
Exposiçam da Regra do glorioso padre sancto Augustinho... Lixboa: em casa de Ioannes Blavio de Agrippina Colonia, 15 dias de setembro 1563.	Fls. 13, 94, 100v., 108, 140v.	Fls. 4, 10, 24v., 25v., 32v., 53v., 68v., 122, 132v., 195, 201v.		Fls. 116, 148, 152
Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India... Impresso em Goa: por Ioannes de endem , 10 Abril 1563.		Fls. [6 preliminar] e 17v.,	Fls. 18, [102v.], [112v.] e [114v.]	
Constituições synodae do bispado de Miranda. Em Lixboa: em casa de Francisco Correa , 1565.	Fls. 38v., 45v., 68v., 73v., 85, 91v., 95, 98, 103 e 134v.		F. 13v.	Fls. 19v., 30, 93v., 95v. [utilização invertida], 124v., 131v. e 132v.
Constituicones [sic] do Arcebis-pado de Goa, aprouadas pello primeiro cõcilio prouincial. Goa: per Ioão de Endem , 8 Abril 1568.		Fls. 89, 91 e [100]	F. 19v.	
Mystica theologia na qual se mostra o verdadeiro caminho pera subir ao ceo cõforme a todos os estados da vida humana. Lixboa: e[m] casa de Francisco Correa , 26 Dabril 1568.		Fls. 75v e 89		Fls. 54v. e 145
Allegações de direito que se offereceram ao muito alto e poderoso Rei Dom Henrique... Em Almeirim: per Antonio Ribeiro & Francisco Correa , 27 de Fevereiro 1580				Fls. 104 e 126v.

Impressos e respetivos impressores	Iniciais xilogravadas			
	A	C	S ₁	S ₂
La entrada que en el Reino de Portugal hizo la S. C. R. M. de Don Philippe inuictissimo Rey de las Espan[h]as segundo deste nombre, primero de Portugal... [Lisboa?]: por Manuel de Lyra : a costa de Symon Lopez, librero 1583.	Fls. 25v., 57v., 60, 64v. e 142v.	Fls. 13v., 26v., 99v. e 138v.		Fls. 12v., 49, 59, 82v. e 148v.
Os Lusíadas. Em Lisboa: por Manoel de Lyra , 1584.	Fls. [IIv.], 1 e 58			
Cathechismo ou doutrina christãa & praticas spirituaes... Em Lisboa: por Manoel de Lyra , 1585	Fls. 3v., 32v. e 35	Fls. 81v. e 84		
Sylua... Olyssippone: excudebat Emanuel de Lyra , 1587.				Fls. 101v. e 45 [333]
Aluari Valasci iuris consulti Lusitani... Quaestionum iuris emphyteutici liber primus seu prima pars; reperientur in initio summa quaestionum capita... Olyssipone: excudebat Barthesar Riberius : expensis Sebastiani Carualho, bibliopolae, 1591.				Fls. 1v., 7, 31v. e 62

Tab. 3 – Ocorrência de iniciais (A, C, S₁ e S₂) em algumas obras impressas em Portugal na segunda metade do século XVI

4. Considerações finais

As evidências acima mencionadas comprovam inequivocamente factos já conhecidos: o recurso a utensilagem tipográfica (por vezes, desgastada ou em mau estado) de proveniência estrangeira⁴² e a sua transmissão e reutilização entre impressores⁴³. As matrizes xilográficas circulavam entre tipógrafos, entre cidades (quando não entre países e continentes) e, sobretudo, repetiam-se – total ou parcialmente – de livro para livro.

⁴² É sabido que, por exemplo, Luís Rodrigues se deslocou a Paris, entre os anos de 1538 e 1539, tendo aí comprado, entre outros materiais, umas tarjas representando insetos, pássaros e flores que tinham sido utilizadas pelo impressor francês Simon du Bois. Algumas destas tarjas passaram para Coimbra encontrando-se, por volta de 1549-1550, na oficina de João Álvares e João de Barreira, impressores da Universidade (cf. Anne ANNINGER, “Un oiseau rare, le “Compromisso” de 1516 de Hermão de Campos”: *Revista da Biblioteca Nacional*, vol. 3, n.º 1-2 (Jan.-Dez. 1983), pp. 206-208). Por seu turno, João Blávio recebeu da Chancelaria de D. Sebastião, em 6 de outubro de 1558, licença de isenção do pagamento de direitos para importar material tipográfico, nomeadamente “[...] papel, tintas, baldreus e letras que lhe vierem de fora do Reino para despesa e meneio da dita Imprensa, não passando de quinhentas resmas de papel e de dois quintais de tinta e três dúzias de baldreus brancos em cada um dos ditos dois anos; e as letras serão as que lhe vierem em que não pode haver limitação [...]”; excerto transcrito, em grafia atualizada, a partir de Venâncio DESLANDES, *Documentos para a História da Tipografia Portuguesa nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1888, pp. 72-73.

⁴³ É frequente um impressor possuir material tipográfico idêntico ao utilizado por um outro, o que comprova a cedência ou obtenção desse material por alguma forma (empréstimo, arrendamento, trespasse ou alienação quando cessa a atividade de uma oficina) ou, pelo menos, a existência de um padrão na produção de material tipográfico, seja oriundo de um mesmo fornecedor comum, seja mandado copiar localmente a artífices que tentavam reproduzi-lo com maior ou menor precisão. Sabemos que Germão Galharde, depois da morte de Valentim Fernandes, comprou aos herdeiros deste os caracteres, prelos, gravuras e cartelas e, em 1519, estabeleceu tipografia em Lisboa (veja-se Artur ANSELMO, *L'activité typographique de Valentim Fernandes au Portugal (1495-1518)*. Paris, FCG-CCP, 1984, pp. 781-818). Francisco Correia tomou de arrendamento, em 1564, as oficinas que João Blávio havia possuído em Lisboa e em Goa (cf. V. DESLANDES, op. cit., pp. 42-45 e António Joaquim ANSELMO, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*. Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926, p. 126). Além de Francisco Correia, também João de Barreira, Manuel de Lira, António Ribeiro e Baltazar Ribeiro reutilizaram nos seus prelos e em algumas obras que aí deram à estampa utensilagem tipográfica, escolhida ou remanescente, originalmente pertencente a João Blávio.

A este propósito, partilhamos da opinião de Ana Gonçalves quando afirma “[...] a certeza de ter tornado clarividente que a reutilização do material tipográfico era prática corrente no século XVI. A impressão das folhas de rosto tipificou-se, a partir de determinada altura, por deixar de alimentar uma faceta mais artística para se tornar uma atividade mimetizada entre os impressores. A ocorrência das mesmas tarjas ou portadas, cuja única diferenciação residia na reorganização dos elementos tipográficos, tais como títulos, subtítulos ou detalhes identificadores, vem revelar o exíguo protagonismo da beleza ou da preocupação artística como fatores diferenciadores na impressão. [...]”⁴⁴.

E se, em alguns casos, os tipógrafos quinhentistas pura e simplesmente não se inibiam de mimetizar a mesma portada⁴⁵ utilizada por outros confrades do mesmo ofício, na maioria das vezes procuravam com os parcos materiais decorativos de que dispunham compor alternadamente, de forma mais ou menos criativa, portadas que pretendiam originais ou inovadoras, mesmo que, por vezes, a miscigenação dos vários blocos xilográficos produzisse graficamente resultados pouco ortodoxos em termos estéticos (cf., por ex., fig. 15). Neste enquadramento, não subscrevemos a opinião de que este tipo de portadas (figs. 13, 14 e 19, por exemplo), com elementos comuns aos da portada da edição portuguesa do livro de Núñez de Reinoso, demonstre, para usar das palavras de Pacheco, “[...] uma certa decadência da decoração do livro impresso em Portugal [...]” ou

⁴⁴ Ana F. C. GONÇALVES, *Classificação gráfica e tipográfica das folhas de rosto quinhentistas das obras impressas em Portugal: contributos para um legado no âmbito do design de comunicação*. Porto, [s.n.], 2012, p. 141.

⁴⁵ Como acima já aludimos e demonstramos (cf. figs. 13 e 17 supra). O caso mais paradigmático e ilustrativo desta realidade é o da famosa portada da primeira edição de *Os Lusíadas*, que passou, sucessivamente, pelos prelos de Germão Galharde, em 1548, António Gonçalves, António Ribeiro e António Álvares, sendo usada até 1598.

a “[...] falência da arte impressória portuguesa nas últimas décadas do século XVI.⁴⁶”

Não descortinamos nas dezenas de obras impressas em Portugal na primeira metade do século XVI, particularmente na década de 40 e primeiro lustro da década de 50⁴⁷, quaisquer xilogravuras ou capitulares comuns às constantes na portada e texto da obra de Núñez de Reinoso, pelo que tudo indicia que a edição em língua portuguesa terá sido impressa em data posterior à da edição castelhana de Veneza de 1552⁴⁸, que, deste modo e até eventual e inequívoca prova em contrário, mantém o estatuto de *editio princeps* da novela.

Tanto quanto nos foi possível apurar, as primeiras ocorrências, na tipografia quinhentista portuguesa, do plantel de capitulares onde se inserem as quatro iniciais xilográficas A, C, S₁ e S₂ remontam à segunda metade da década de 50, sendo primeiramente utilizadas – ao que julgamos saber – em quatro obras impressas na oficina tipográfica de João Blávio em 1556, 1557, 1559 e 1560. É também na oficina lisboeta deste impressor que são estampadas, nas folhas de rosto de três obras impressas em 1557, 1560 e 1562 e igualmente nas primeiras ocorrências que conhecemos, as tarjas que constam da portada da edição portuguesa da novela de Núñez de Reinoso. Estes mesmos elementos – tarjas e capitulares – ocorrerão também em algumas obras dadas à estampa por impressores que, ulteriormente, reutilizaram a utensilagem tipográfica de Blávio, com

⁴⁶ José PACHECO, *A divina arte negra e o livro português: séculos XV e XVI*. Lisboa, Vega, D.L. 1988, pp. 222-223, 234-235.

⁴⁷ Cf. notas 34 e 35 supra.

⁴⁸ Recordamos que a cronologia das capitulares de origem germânica (Mogúncia e Colónia) aponta para datas compreendidas entre 1549 e 1557 (iniciais A e S₂) e após 1555 (iniciais C e S₁), pelo que o seu emprego em prelos tipográficos lusos antes de 1552 nos parece muito improvável, para não dizer praticamente impossível. Neste enquadramento e tendo também em consideração as ocorrências destas iniciais em impressos portugueses (cf. tab. 3), a edição portuguesa da novela será também, muito provavelmente, ulterior à edição parisiense de 1554.

especial ênfase para Francisco Correia que tomou de arrendamento a oficina do impressor de origem germânica.

João de Barreira, o impressor mais produtivo de Quinhentos, utilizou apenas numa única obra (fig. 20) algumas tarjas iguais às do impresso luso de Núñez de Reinoso, registando-se, porém, que não vislumbramos, na quase centena e meia de obras que imprimiu, em Coimbra e em Lisboa, sozinho ou em parceria com João Álvares, o emprego de qualquer uma das capitulares A, C, S₁ e S₂, o que não deixa de ser significativo e revelador. A hipótese de o impressor poder ter sido Manuel de Lira, sendo admissível face ao material tipográfico utilizado, afigura-se-nos algo improvável, nomeadamente em termos comerciais. Com efeito, não parece fazer muito sentido dar ao prelo uma tradução em língua portuguesa de um original em língua castelhana após a união ibérica em 1580 e decorridos mais de 30 anos depois da edição príncipe⁴⁹. Contexto e boas razões para a impressão ter ocorrido, presumivelmente, antes do período de atividade conhecida de Manuel de Lira e, de igual modo, dos impressores António Ribeiro e Baltasar Ribeiro.

Permanecendo ainda em aberto o local, impressor e data de edição, intentamos – face ao conjunto de dados acima apresentados – elaborar e delinear as coordenadas de um presuntivo pé de imprensa para a obra em análise, sem prejuízo de desenvolvimentos que possam surgir futuramente:

- A cidade de Lisboa afigura-se como o local de impressão mais verosímil.

⁴⁹ Mesmo tendo em consideração as complexas questões associadas ao bilinguismo na Península Ibérica durante a época moderna (veja-se, por exemplo, Ana Isabel BUESCU, “Aspectos do bilinguismo Português-Castelhano na época moderna”: *Hispania: revista española de historia* 44 (2004), pp. 13-38).

- O livro terá sido impresso na segunda metade do século XVI, possivelmente entre o segundo lustro da década de 50 e inícios dos anos 60 (conjeturamos como baias temporais 1556-1563).
- É deveras plausível que a novela tenha sido dada à estampa por João Blávio⁵⁰, hipótese que, face aos indícios documentais e tipobibliográficos aduzidos, reputamos como a mais robusta⁵¹ (sem excluir liminarmente a possibilidade de tal também poder ter ocorrido, após a morte deste e utilizando a sua utensilagem tipográfica, no prelo de Francisco Correia entre 1564-1570).

Por último, aventamos alguns aspetos pertinentes que, porventura, ajudarão a explicar este enigma bibliográfico. Como referimos no início, o livro não tem autoria expressa, conquanto não restem dúvidas de que a novela aí narrada foi originalmente ortografada pelo punho de Alonso Núñez de Reinoso, converso desterrado de

⁵⁰ Ao longo do presente texto fomos fazendo várias referências ao impressor João Blávio (ca. 1521- ca.1563/64). Um processo inquisitorial de que foi alvo – cf. nota 56 infra – permite estabelecer o seu nascimento em Colónia por volta de 1521; por seu turno, o colofão de uma obra (BNP, RES. 2252 P.) impressa na sua oficina, mas pelos seus herdeiros, revela-nos que João Blávio era já defunto em maio de 1564, mas ainda ativo em setembro de 1563, conforme podemos ler no colofão de outra obra (BNP, RES. 1121 V.) saída do seu prelo. A atividade tipográfica conhecida de João Blávio de Colónia em Portugal decorreu em Lisboa entre 1554 e 1563, tendo também sido proprietário de um prelo em Goa onde trabalharam João de Endem e João Quinquénio de Campânia. Sobre o operoso impressor de origem germânica, vejam-se entre outros: SANTOS (1812, p. 122), DESLANDES (1888, pp. 42-45, 72-73), BRITO (1911, pp. 7, 16-18, 22, 30, 36), VITERBO (1924, pp. 327-328), ANSELMO (1926, pp. 126, 151), PEIXOTO (1964, pp. 126-127), DIAS (2007, pp. 79-80), MENDES (2011, pp. 387-424) e CARVALHO (2012, pp. 103-105).

⁵¹ Neste sentido, não corroboramos a opinião de que a versão portuguesa da novela de Núñez de Reinoso tenha sido impressa em Évora na oficina tipográfica de André de Burgos (cf. J. M. CARRASCO GONZÁLEZ, op. cit., p. 199). Excluindo a similitude dos tipos góticos, comuns aliás em muitos outros livros e impressores neste período, a restante utensilagem tipográfica utilizada na oficina eborense, nomeadamente portadas, tarjas e capitulares, não patenteia quaisquer semelhanças com idênticos elementos utilizados no livro que aqui nos ocupa.

Portugal para Itália, que dedicou a edição em língua castelhana, impressa em Veneza em 1552, ao seu patrono, o cristão-novo português João Micas, sobrinho de Beatriz de Luna ou Grácia Naci, também conhecida entre os judeus sefarditas como “A Senhora”⁵². A edição portuguesa não abre com qualquer dedicatória, mas apresenta, no final do volume, a versão de uma outra carta, também dirigida ao mesmo João Micas, que, na edição veneziana, precede a obra poética de Núñez de Reinoso publicada em conjunto com a novela. No entanto, o destinatário da epístola, na edição portuguesa, foi substituído por um desconhecido doutor Jerónimo Pires.

Face a estes dados e à luz do contexto sociocultural de então – recorde-se que, nesta época, a questão judaica em Portugal era incontornável nos planos político, económico, religioso e cultural – é compreensível e, mesmo, revelador que o tradutor-adaptador português tenha optado pelo anonimato, omitido o nome do autor e suprimido o destinatário primordial da obra, figura bem conhecida nas cortes europeias e *persona non grata* em terras da Cristandade⁵³. Por outro lado, o teor desta novela, a exemplo de outros textos literários

⁵² Sobre Beatriz de Luna/Grácia Naci e João Micas/Joseph Naci, bem como sobre o círculo literário veneziano patrocinado pela família Mendes-Benveniste, formado em torno do humanista Duarte Gomes, no qual participava Alonso Núñez de Reinoso, veja-se António M. L. ANDRADE, “A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes”: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 10-11 (2011), pp. 87-130.

⁵³ As meras referências a judeus ou cristãos-novos foram, quase sempre, objeto de desconfiança e de apertada vigilância censória por parte do Santo Ofício. O caso do futuro duque de Naxos é conhecido, sendo as referências a João Micas, *alias* Joseph Naci, rasuradas ou mesmo mutiladas, por exemplo, nas obras de Amato Lusitano, sobretudo na carta dedicatória com que o médico albicastrense lhe endereça a quinta das suas *Curationum medicinalium centuriae*. Sobre a censura nos livros de Amato Lusitano, veja-se Dov FRONT, “The Expurgation of the Books of Amatus Lusitanus”: *Book Collectors* 47 (1998), pp. 20-36; Hervé BAUDRY, *Livro médico e censura na primeira modernidade em Portugal*. Lisboa, CHAM, FCSH/NOVA-UAçores, 2017, pp. 16, 24, 26, 30-50, *passim*; Isilda RODRIGUES, Carlos FIOLHAIS, “La censura inquisitorial en las Centurias de Amatus Lusitanus”: *Asclepio* 70, 2 (2018), p. 229.

deste jaez⁵⁴, faria dela, mesmo anónima, uma candidata praticamente segura à rejeição pela censura inquisitorial e à integração nos róis e índices de livros proibidos⁵⁵. Tal não sucedeu, certamente porque a obra nunca terá sido submetida, porventura intencionalmente, a qualquer tipo de aprovação ou exame censório (Ordinário da Diocese, Conselho Geral do Santo Ofício ou Desembargo do Paço).

Neste enquadramento, é igualmente inteligível que a obra não apresente no seu interior quaisquer licenças ou privilégios, apesar de constar no medalhão do supedâneo a alusão “Com Realpriuilegio” (variante tipográfica muito menos frequente do que a referência “Com privilegio Real”). Decerto que o impressor, em articulação ou não com o anónimo tradutor-adaptador, mas ciente dos riscos que corria, também não quis ser identificado ou associado à edição de uma obra potencialmente problemática a vários títulos, pelo que nela não foi igualmente estampado o lugar e o ano de publicação. Omissões intencionais e simultâneas – de menções de responsabilidade intelectual, de licenças, privilégios, de dados do pé de imprensa, de colofão e de marca de impressor – que

⁵⁴ A novela de Núñez de Reinoso sempre se prestou a leituras cifradas com o estabelecimento de conexões entre determinadas personagens e ações do enredo com figuras e factos reais, conforme foi assinalado por Marcel BATAILLON, “Alonso Núñez de Reinoso y los marranos portugueses en Italia”, in M. BATAILLON, *Varia lección de clásicos españoles*. Madrid, Gredos, 1964, pp. 55-80; e sobretudo por Constance Hubbard ROSE, *Alonso Núñez de Reinoso: the Lament of a Sixteenth-Century Exile*. New Jersey, Fairleigh Dickinson University Press, 1971.

⁵⁵ Não vislumbramos qualquer referência ao livro de Núñez de Reinoso nos vários róis e índices de livros defesos ou proibidos do século XVI (1547, 1551, 1559, 1561, 1564 e 1581) ou mesmo no *Index Auctorum Damnatae Memoriae* de 1624; já a conhecida novela de Bernardim Ribeiro, *História de Menina e Moça*, figura nestes índices de Quinhentos, bem como os Autos de Gil Vicente, as obras de Jorge de Montemor ou mesmo textos em castelhano de larga difusão em Portugal como o *Lazarillo de Tormes*. De igual modo, a versão em língua portuguesa da novela reinosiana ou o seu autor não constam da primeira grande bibliografia lusa, a setecentista *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado nem, tão-pouco, da *Bibliotheca Hispana Nova* de Nicolás Antonio, (somente na edição póstuma de Madrid, 1783, v. 1, p. 39, são referidos muito sumariamente o autor e a edição da novela em língua castelhana de 1552). Ausências que dão que pensar.

fazem desta obra um caso raríssimo, senão único, no panorama da tipografia quinhentista portuguesa.

A conjugação dos elementos que acima aduzimos permite, pelo menos, aventar a hipótese de estarmos perante uma edição clandestina e/ou contrafeita da novela de Núñez de Reinoso em língua portuguesa com os riscos, mas também eventuais proveitos, que tal implicaria⁵⁶. Em suma e epilogando: não obstante os progressos verificados – mais concludentes no que respeita à história bibliográfica do impresso e dos seus antigos possuidores – subsiste de algum modo o enigma bibliográfico, no que ao pé de imprensa concerne, mantendo-se ainda atual o desiderato-repto de Inocêncio: “[...] Os bibliographos futuros poderão ter ocasião de aclarar melhor este ponto”⁵⁷.

⁵⁶ Ou porque o impressor tivesse para tal financiamento de um patrono ou mecenas que não quieria ou não poderia ter o seu nome divulgado, ou porque acreditasse que a obra vertida para português teria mais leitores e compradores no mercado nacional. Conhecem-se poucos exemplos de edições quinhentistas clandestinas ou contrafeitas. Em Portugal, o caso mais notório está associado à contrafação de *Os Lusíadas* no século XVI (João Luís LISBOA, “Uma, duas, quantas edições?: os argumentos sobre a contrafação de *Os Lusíadas* no século XVI”: *Cultura* 33 (2014), pp. 97-108). Menos conhecido é o facto de João Blávio ter tido dissabores com a Inquisição de Lisboa, em 1561-62, acusado de luteranismo e, sobretudo, de ter imprimido clandestinamente em Granada, cerca de oito anos antes da sua curta prisão em Portugal, umas bulas falsas conforme consta do respetivo processo inquisitorial (ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo n.º 1624), transcrito e publicado por Pedro de AZEVEDO, “O processo inquisitorial do impressor alemão Blavio”: *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. 7, n.º 1 (1913), pp. 71-88. Teria Blávio, aquando da sua estância em Sevilha e Granada, acedido à edição em língua castelhana de 1552 e na Andaluzia ou, volvido um par de anos, já em território luso, empreendido em Lisboa (ou, quem sabe, no prelo de Goa de que era proprietário) a impressão clandestina de uma edição ‘pirata’ (talvez paga à cabeça por algum patrono e direcionada sobretudo a cristãos-novos portugueses) do livro de Núñez de Reinoso em língua portuguesa? Porventura, mas tal não passa, por ora, de especulação.

⁵⁷ Inocêncio Francisco da SILVA, *Diccionario bibliographico Portuguez...*, vol. 3. Lisboa, na Imprensa Nacional, 1859, p. 197.

Agradecimentos: para a elaboração do presente estudo pudemos contar com valiosas indicações e contributos de várias pessoas (Cristina Valente Marques, Elsa Vilela Filipe, Leif Friberg, Manuela Oliveira, Mary Haegert, Paula Andrade Martins, Paulo Pereira, Pedro Estácio e William Stoneman), bem como com a cortesia e facilidades concedidas por diversas instituições (Biblioteca Nacional de Portugal/Biblioteca Nacional Digital, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Biblioteca, Harvard University/Houghton Library, Stockholm University Library/Special Collections e Universidade de Évora/Repositório Digital de Publicações Científicas), a quem manifestamos publicamente o nosso penhorado agradecimento.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, António-José de, *Imagens de Papel: «O Flos sanctorum em linguagem português» de 1513 e o de Fr. Diogo do Rosário OP. A problemática da sua ilustração xilográfica*. Porto, [s.n.], 2005 (Tese de doutoramento, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto).
- ANDRADE, António M. L., “A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes”: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 10-11 (2011), pp. 87-130.
- ANNINGER, Anne, “Un oiseau rare, le “Compromisso” de 1516 de Hermão de Campos”: *Revista da Biblioteca Nacional* 3, 1-2 (Jan.-Dez. 1983), pp. 205-213.
- ANSELMO, António Joaquim, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*. Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926.
- ANSELMO, Artur, *L'activité typographique de Valentim Fernandes au Portugal (1495-1518)*. Paris, Fond. Calouste Gulbenkian. Centre Culturel Portugais, 1984. (Sep. Colloque - L'humanisme portugais et l'Europe, 1978).
- AZEVEDO, Pedro de, “O processo inquisitorial do impressor alemão Blavio”: *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa* 7, 1 (1913), pp. 71-88.
- BALBI, Adriano, *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve...* Paris, Chez Rey et Gravier, 1822, 2 vols.
- BATAILLON, Marcel, “Alonso Núñez de Reinoso y los marranos portugueses en Italia”, in M. BATAILLON, *Varia lección de clásicos españoles*. Madrid, Gredos, 1964, pp. 55-80.

- BAUDRY, Hervé, *Livro médico e censura na primeira modernidade em Portugal*. Lisboa, CHAM, FCSH/NOVA-UAçores, 2017. Disponível em linha: https://run.unl.pt/bitstream/10362/38844/1/CHAM_eBooks_E1_Livro_m_dico.pdf [Consultado em 27 janeiro. 2020].
- BRITO, Gomes de, *Notícias de livreiros e impressores em Lisboa na 2.ª metade do século XVI*. Lisboa, Imprensa Libanio da Silva, 1911.
- BUESCU, Ana Isabel, “Aspectos do bilinguismo Português-Castelhano na época moderna”: *Hispania: revista española de historia* 44 (2004), pp. 13-38
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M., “Núñez de Reinoso en portugués: traducción, adaptación y proyecto editorial”: *Criticón* 134 (2018), pp. 195-210. Também disponível em linha (publicado em 20 dezembro 2018, consultado em 28 de abril 2020): <http://journals.openedition.org/criticon/5207>; DOI: 10.4000/criticon.5207
- CARVALHO, Teresa Nobre de, *O mundo natural asiático aos olhos do Ocidente: contribuição dos textos ibéricos quinhentistas para a construção de uma nova consciência europeia sobre a Ásia*. Lisboa, [s.n.], 2012 (Tese de doutoramento, História e Filosofia das Ciências, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa).
- CASTELO BRANCO, Camilo, *Narcóticos*. Porto, Livraria de Clavel, 1882.
- CATALOGUE de la bibliothèque de M. Fernando Palha... [compil. José António Moniz; ed. lit. Fernando Palha]. Lisbonne, Imprimerie Libanio da Silva, 1896, 4 vols.
- COSTA, Júlio, “Alguns livros científicos (sécs. XVI e XVII) no ‘Inventário’ da Livraria dos Viscondes de Balsemão”: *Ágora: Estudos Clássicos em Debate* 14.1 (2012), pp. 131-158.
- DESLANDES, Venâncio, *Documentos para a História da Typografia Portuguesa nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1888.
- DIAS, João José Alves
 — *Iniciação à Bibliofilia*. Lisboa, Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas, 1994.
 — “A colónia alemã de Lisboa face à Inquisição: um olhar sobre o século XVI”, in Maria Manuela Gouveia DELILLE (coord.), *Portugal-Alemanha: memórias e imaginários*. Coimbra, Minerva: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, 2007, v. 1, pp. 75-82.
- FONSECA, Fernando Taveira da, et al. (coord.), *Imprensa da Universidade de Coimbra: uma história dentro da história*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2001.
- FRONT, Dov, “The Expurgation of the Books of Amatus Lusitanus”: *Book Collectors* 47 (1998), pp. 20-36.
- GONÇALVES, Ana F. C., *Classificação gráfica e tipográfica das folhas de rosto quinhentistas das obras impressas em Portugal: contributos para um legado no âmbito do design de comunicação*. Porto, [s.n.], 2012 (Tese de doutoramento, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).
- JÜSTEN, H. M., *Incunábulo e post-incunábulo portugueses (ca. 1488-1518): (em redor do material tipográfico dos impressos portugueses)*. Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2009 (Orig.: Tese de doutoramento [em História], Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2006).

- LISBOA, João Luís, “Uma, duas, quantas edições?: os argumentos sobre a contrafacção de *Os Lusíadas* no século XVI”: *Cultura* 33 (2014), pp. 97-108.
- MANUEL II, Rei de Portugal, “Cartas de El-Rei D. Manuel II ao Prof. Edgar Prestage”: *O Instituto* 116 (1954), pp. 112-213.
- MATOS, Ricardo Pinto de, *Manual bibliographico portuguez de livros raros, classicos e curiosos*. Porto, Livraria Portuense, 1878.
- MENDES, Maria Valentina C. A. Sul, “Frontispícios ilustrados na tipografia portuguesa da segunda metade de Quinhentos: a herança de João Blávio de Colónia”: *Revista Portuguesa de História do Livro* 28 (2011), pp. 387-424.
- MORISON, Stanley, *First principles of typography*. 2nd edition. Cambridge, University Press, 1967.
- NORONHA, Tito de, “A Isea”: *O Pantheon: revista quinzenal de ciencias e letras* 11 (1880), pp. [169]-171.
- NÚÑEZ DE REINOSO, Alonso
- *Historia de los amores de Clareo y Florisea, y de los trabajos de Ysea, con otras obras en verso, parte al estilo Español, y parte al Italiano, agora nueuamente sacada a luz*. Venecia, por Gabriel Giolito de Ferrari y sus hermanos, 1552.
 - *La plaisante hystoire des amours de Florisée & Clareo, & de la peu fortunée Ysea*. Traduite nouvellement de Castillan en François par feu M. Iaqués Vincent de Crest Arnault. Paris, chez Iaqués Keruer, 1554.
 - *História dos trabalhos da sem-ventura Isea natural da cidade de Éfeso e dos amores de Clareo e Florisea* [Lisboa?, João Blávio?, entre 1556-1563?].
 - *História dos trabalhos da sem-ventura Isea natural da cidade de Éfeso e dos amores de Clareo e Florisea*. Introdução: M. Á. Teijeiro Fuentes. Edição e notas: J. Carrasco González [prefácio de António Manuel Lopes Andrade]. Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, 2017.
- PACHECO, José, *A divina arte negra e o livro português: séculos XV e XVI*. Lisboa, Vega, D.L. 1988.
- PEDRO, Celeste Maria Lourenço da Silva de Oliveira, *Sixteenth-century print culture in the Kingdom of Portugal: a study on typographical specimens used in the printing houses of João de Barreira and João Álvares*. Porto, [s.n.], 2018 (Tese de doutoramento em Design, Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto).
- PEIXOTO, Jorge, “Alemães que trabalharam no livro em Portugal nos sécs. XV e XV””: *Gutenberg Jahrbuch* 39 (1964), pp. 120-127.
- ROBERTS, Matt T.; BROWN, Margaret R.; ETHERINGTON, Don, *Bookbinding and the conservation of books: a dictionary of descriptive terminology*. Washington, Library of Congress, 1982.
- RODRIGUES, Isilda; FIOLEAIS, Carlos, “La censura inquisitorial en las Centurias de Amatus Lusitanus”: *Asclepio* 70, 2 (2018), p.229.
- ROSE, Constance Hubbard, *Alonso Núñez de Reinoso: the Lament of a Sixteenth-Century Exile*. New Jersey, Fairleigh Dickinson University Press, 1971.
- SANTOS, António Ribeiro dos, “Memoria para a história da typografia portugueza do seculo XVI”: *Memorias de litteratura portuguesa* [Academia Real das Ciências de Lisboa] 8, 1 (1812), pp. 77-147.

- SCHMITZ, Wolfgang, *Die Überlieferung deutscher Texte im Kölner Buchdruck des 15. und 16. Jahrhunderts*. Köln, [s.n.], 1990 [Tese (*Venia Legendi*) em Biblioteconomia, Faculdade de Artes da Universidade de Colónia].
- SILVA, António de Morais, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau...* Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, 2 vols.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez...* Lisboa, na Imprensa Nacional, 1858-1958, 23 vols.
- VITERBO, Sousa, *O movimento tipográfico em Portugal no século XVI: apontamentos para a sua história*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.